



ISSN 15169111

**PAPERS DO NAEA Nº 309**

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO LAZER E SUA TRAJETÓRIA  
CIENTÍFICA**

**Mirleide Char Bahia  
Silvio Lima Figueiredo**

**Belém, setembro de 2013**

**O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)** é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

### **Papers do NAEA - Papers do NAEA -**

Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



### **Universidade Federal do Pará**

#### **Reitor**

Carlos Edilson de Almeida Maneschy

#### **Vice-reitor**

Horacio Schneider

#### **Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação**

Emmanuel Zagury Tourinho

### **Núcleo de Altos Estudos Amazônicos**

#### **Diretor**

Fábio Carlos da Silva

#### **Diretor Adjunto**

Durbens Martins Nascimento

#### **Coordenador de Comunicação e Difusão Científica**

Silvio Lima Figueiredo

#### **Conselho Editorial do NAEA**

Prof. Dr. Armin Mathis – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Durbens Martins Nascimento – NAEA/UFPA

Prof. Dra. Edna Castro – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Fábio Carlos da Silva – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Francisco Costa – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Luis Eduardo Aragón Vaca – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Silvio Lima Figueiredo – NAEA/UFPA

#### **Setor de Editoração**

E-mail: [editora\\_naea@ufpa.br](mailto:editora_naea@ufpa.br)

Papers do NAEA: [papers\\_naea@ufpa.br](mailto:papers_naea@ufpa.br)

Telefone: (91) 3201-8521

### **Paper 309**

**Recebido em:** 05/08/2013.

**Aceito para publicação:** 10/09/2013.

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

# CONSTRUÇÃO SOCIAL DO LAZER E SUA TRAJETÓRIA CIENTÍFICA

---

*Mirleide Chaar Bahia<sup>1</sup>*

*Silvio Lima Figueiredo<sup>2</sup>*

## **Resumo:**

Com as mudanças ocorridas na sociedade, o lazer nasce da dicotomia lazer x trabalho, gerando interesses e necessidades da classe trabalhadora em reivindicá-lo e das ciências sociais em estudá-lo. O objetivo principal desse artigo foi delinear a construção social do lazer e sua trajetória científica, considerando-se que o momento histórico de cada obra e suas representações sobre a realidade social da época trouxeram contribuições valiosas para a trajetória desse campo de estudos e para as reflexões sobre o atual modo de vida humano e possibilidade de transformações, emancipação e liberdade por meio do lazer. A metodologia utilizada tem cunho qualitativo e se alicerça em levantamento bibliográfico de teorias que tratam do lazer. Como resultado, percebe-se que as formas de vivências do lazer são diversificadas e se apresentam diferentemente, de acordo com os grupos que militam essas práticas, mais ou menos dependentes de padrões estruturadores. Além disso, a trajetória dos estudos do lazer no Brasil e no mundo não só revelam a centralidade que o tema vem ganhando em diversas áreas do conhecimento, mas também a criação de campos específicos interdisciplinares que tentam dar conta da diversidade de formas manifestas dessas práticas, e das políticas públicas atreladas a elas.

**Palavras-Chave:** Lazer. Conceitos. Aspectos sociológicos. Teorias. Interdisciplinariedade.

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal – Brasil; Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental, pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA).

<sup>2</sup> Professor/pesquisador do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA), Brasil. Doutor em Comunicação (ECA/USP); realizou estágio pós-doutoral na Université René Descartes - Paris V Sorbonne.

## **THE SOCIAL CONSTRUCTION OF LEISURE AND ITS SCIENTIFIC TRAJECTORY**

---

### **Abstract:**

account. We consider that the historical context in which each work was written and their representations about social reality at their time gave crucial contributions to this field of study and to the reflections on the current human way of living, as well as to the possibility of transformation, emancipation and freedom through leisure. A qualitative methodology was used and it is based on a bibliographic survey on theories that address leisure. As a result, one notices that there are different ways of experiencing leisure, as well as different ways of expressing leisure, which occur more or less dependently of structured patterns – according to groups that are active in these practices. Besides, the history of leisure studies in Brazil and around the world reveals not only the main position of the theme in various fields of knowledge but also the creation of specific interdisciplinary fields that properly address the diversity of these practices and the related public policies.

Keywords: Leisure. Concepts. Sociological aspects. Theories. Interdisciplinarity.

Estudar o lazer no mundo contemporâneo significa tentar compreendê-lo no contexto histórico, político, econômico, social e cultural da sociedade, identificando mudanças, reconhecendo diversidades e desvelando desigualdades. A compreensão do lazer deve expressar as múltiplas configurações de sociedades, instituídas pela dinâmica da economia, da política e da cultura, entendendo-o como um fenômeno em permanente transformação.

O campo de estudos do lazer é bastante vasto e se construiu, historicamente, sobre bases complexas de relações objetivas e subjetivas entre seus agentes sociais. Ressalta-se, que não é objetivo aqui discorrer acerca de todas as obras produzidas sobre a temática, tanto em nível internacional, quanto nacional e, muito menos, pretender realizar um aprofundamento analítico sobre as obras, os conceitos e os autores aqui citados, pois existem diversos estudos já realizados com esse objetivo (PINTO, 1996; WERNECK, 2000b; PEIXOTO, 2007).

A intenção é de considerar que o momento histórico de cada obra e suas representações sobre a realidade social da época – em que pese seus limites sociopolíticos e/ou teórico-metodológicos refletidos em algumas concepções superadas atualmente – trouxeram contribuições valiosas para a trajetória da construção social do lazer e para as reflexões sobre o atual modo de vida humano, no que se refere à exploração do ser humano, à expropriação do tempo de não trabalho (tempo livre, ócio), ao trabalho alienado, ao consumismo, à necessidade de uma contraposição ao modo de produção capitalista e à possibilidade de transformação, emancipação e liberdade por meio do lazer.

Os estudos e pesquisas sobre ócio e lazer existem desde as décadas de 1920 e 1930, principalmente nos Estados Unidos, Inglaterra e na França, quando se inicia um movimento mais concreto em direção aos estudos da intitulada “sociologia do lazer”. De acordo com Werneck (2000b), a sociologia do lazer surgiu nos Estados Unidos na década de 1920, principalmente pela necessidade de se ter um controle social sobre as horas de tempo livre dos trabalhadores nos países industrializados.

O jogo de forças sociais e o caráter contraditório do lazer fazem com que este estudo tenha como grande desafio a intenção de procurar compreender tal dinâmica, percebendo-o como um fenômeno que envolve não só a alegria do lúdico, a fruição<sup>3</sup>, a fantasia, a festa, o encontro, o prazer estético, a experiência criativa, a liberdade, a possibilidade de formação de redes de sociabilidade que orientem determinadas territorialidades, mas também a outra “face da moeda” caracterizada pela satisfação imediata, pela utilidade prática, pelo lucro, pela alienação, pela influência da indústria

---

<sup>3</sup> Conforme Marcuse (1997), a fruição pode ser compreendida como uma atitude possível nas relações do homem com as coisas e com outros homens.

cultural, pelo campo político e econômico determinando a qualidade e a quantidade das políticas sociais.

Se em outro momento histórico, as ressalvas e interferências dirigidas ao tempo livre pelo modo de vida no capitalismo se mostraram bastante incisivas, considerando-se que a percepção deste tempo baseava-se na ideia de “tempo perdido”, condenado tanto por critérios morais como produtivos; na atualidade, o lazer – tido como parte constitutiva do tempo livre – em algumas políticas, muitas vezes, ainda se apresenta hegemonicamente como uma espécie de “tábua de salvação” para a resolução dos problemas, desde os referentes ao trabalho, até aqueles referentes à saúde.

Para Mascarenhas (2000), frente aos interesses econômicos mercadológicos, o fomento às práticas de lazer torna-se evidente, e sua potencialidade/capacidade temporal de consumo constitui-se, então, como um poderoso instrumento para a reprodução do capital. Nesse contexto, os resíduos de tempo em que ocorre o lazer e a maneira como as pessoas se apropriam dele, caracterizam-se pelo modo ou posição que o sujeito ou determinado grupo ocupa na sociedade de classes. Desta maneira, é com referência no poder de compra e/ou consumo que, muitas vezes, são verificadas as diversas formas de práticas do lazer.

Como alerta Cunha (1987), tendo em vista que o consumo se materializa como um dos momentos indispensáveis para a economia – outros seriam: a produção, a distribuição e a troca –, o tempo livre converte-se em um tempo imprescindível à produção. Portanto, o lazer se insere como uma categoria interna da economia política, sendo que sua manifestação não ocorre, senão, como uma emanção da própria economia capitalista. Em consequência disso, quanto maiores e mais agudas as diferenciações de classe no interior de uma dada sociedade, maiores serão as distinções do tempo e das práticas de lazer entre os grupamentos sociais.

## **2 ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA DO LAZER**

Como resultado da situação sócio-histórica vivida a partir da Revolução Industrial (século XVIII), o lazer surge como uma possibilidade de vivência de momentos de descanso, reivindicada pelos grupos sociais daquela época, por isso, ainda hoje, de uma forma geral, incorpora uma visão limitada e funcionalista tanto pelo poder público quanto pela sociedade, que acabam por considerá-lo apenas como *compensação de horas de trabalho extenuante e para a recuperação da força produtiva*, por meio de horas de descanso. Por outro lado, também existem as concepções que o posicionam como um tempo meramente dedicado ao consumo e à subserviência mercadológica. Em contrapartida, alguns autores também têm defendido a perspectiva de transformação da realidade, considerando o processo histórico de lutas pelo tempo de não trabalho e reconhecendo o lazer como possibilidade de emancipação e de liberdade.

A atual noção de tempo livre e o próprio entendimento de lazer não surgem com a Revolução Industrial, mas em outro cenário, quando as lutas sociais conseguem impor poucas, porém significativas transformações ao capitalismo.

As primeiras transformações dizem respeito à conformação de uma ideia sobre trabalho, que passa a ser dominante e que transforma a antiga ideia de trabalho como castigo divino em trabalho para alcançar o paraíso terreno e celestial. O movimento é de transformação das virtudes e vícios: o trabalho que desonra agora é uma virtude, e o ócio que era qualidade agora é vício. Essa ética sai da burguesia e impregna no proletariado como aponta Chauí (1999).

Enquanto muitos defendiam o direito ao trabalho, foi Paul Lafargue, já em 1881, o primeiro a defender o direito à “preguiça” (*Le droit à la paresse*). Destaca-se que o autor reivindica o direito à preguiça não como apologia ao fim do trabalho, mas como crítica radical à forma alienada de trabalho decorrente do que denomina “religião do trabalho”, verdadeiro “credo da burguesia” (LAFARGUE, 1999). Lafargue alerta para um primeiro movimento: a transformação da ética do trabalho da burguesia em ética proletária com a excomunicação do ócio. Mas se foi ele um dos arautos desta discussão, na prática, a redução da jornada de trabalho e o conseqüente aumento do tempo livre foram conquistas dos trabalhadores.

Na mesma lógica de defesa à demanda dos trabalhadores, Russell (1977), em obra originalmente publicada em 1932, denominada “Elogio do Lazer” (*Praise of idleness*), destaca a valorização do trabalho pelas classes privilegiadas para facilitar seu controle sobre as classes mais pobres e defende a redução da jornada de trabalho para quatro horas diárias, a fim de que o trabalhador possa usufruir momentos de lazer, na perspectiva de que esta seria uma possibilidade de diminuição do desemprego e de uma melhor organização da sociedade.

Atualmente, com o crescimento contingencial do desemprego e/ou do trabalho precarizado, a redução da jornada e o direito ao trabalho voltam ao cenário como principal bandeira social e, com isso, o aumento do tempo livre do trabalhador, infelizmente, tem significado, cada vez mais, perdas e achatamentos salariais. O conflito sobre o tempo, tanto de forma quantitativa, quanto qualitativa, tem-se materializado como uma das grandes tensões geradas pela sociedade capitalista. A questão do tempo de trabalho e sua conseqüente redução, historicamente, sempre estiveram presentes como uma das reivindicações centrais na luta dos trabalhadores por sua emancipação.

Assim como a realização das atividades associadas ao trabalho permite constatar a existência de um tempo de trabalho, o conjunto das outras tarefas, obrigações, atividades, ou ainda, atitudes, presentes no cotidiano, que não se relacionam diretamente ao trabalho, permite verificar a ocorrência de um tempo livre.

O processo de trabalho é tido como uma “condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e

natureza e, portanto, da vida humana” (MARX, 1988, p. 70). A natureza, entendida como aquela “que não é em si mesma o corpo humano, é o corpo não orgânico do homem” (MARX, 1998, p. 156), é a realidade objetiva com que nos deparamos todos os dias.

O trabalho, para Marx, configura-se como categoria de sociabilidade humana, apresentando-se enquanto condição para a vida e sendo universal a todos os homens. É uma atividade fundamental, da qual se originam todos os outros processos de interação enquanto formas mais complexas da práxis social.

O trabalho, nas diferentes formas que o capitalismo lhe tem conferido, vem sendo reduzido à mera atividade vital, cuja única e exclusiva orientação ainda é a subsistência garantida sob a forma de salário. Deste modo, “[...] o trabalho deturpa de tal maneira as coisas, que o homem por ser um ser consciente, não utiliza precisamente, sua atividade vital, sua essência, senão como instrumento de sua existência” (MARX, 1998, p. 157). O trabalho, em sua forma alienada, não mais permite a possibilidade de afirmação pessoal, mas mantém o indivíduo atrelado ao impulso vital das necessidades imediatas (no entanto, existem exceções, como, por exemplo, em alguns casos, o trabalho artístico, docente, político, científico etc.).

Nota-se dessa forma um segundo movimento, que surge das conquistas dos trabalhadores por melhores condições de trabalho. Nesse movimento o ócio finalmente ganha o mau sentido de “sem atividade”, em função de o trabalho ser considerado a atividade suprema. Os trabalhadores merecem descanso para se recuperar do trabalho agora abstrato, e o tempo livre desprendido não pode ser ocupado apenas com o descanso, é preciso que ele tenha um conteúdo de atividades produtivas para o corpo e para a alma. O lazer surge como “atividades para serem realizadas no tempo livre” e então passa a ser valorizado na sua essência, juntamente com o trabalho.

Na verdade, há uma certa carga de responsabilidade lançada sobre o lazer, em função das insatisfações, frustrações e desintegrações do trabalho, tornando-o objeto de fácil manipulação do poder público e do próprio mercado, no sentido de direcionar a sociedade moderna em busca de compensações que a aliene e que comprovem que tanto no trabalho, quanto no lazer, a vivência social é dialética e, portanto, a alienação de um gera a evasão e processos compensatórios no outro.

[...] o lazer em si não é capaz de salvar o trabalho, mas fracassa juntamente com ele, e só poderá ser significativo para a maioria dos homens se o trabalho o for, de maneira que as próprias qualidades por nós procuradas no lazer terão maior probabilidade de se tornarem realidade se a ação política e social travar a batalha, em duas frentes, do trabalho-e-lazer (RIESMAN, 1971, p. 60).

Riesman (1971), em sua obra denominada “A Multidão Solitária” (*The lonely crowd*, de 1950), considera a alienação a partir de análises sobre os aspectos da vida sociocultural de três modelos de sociedade: a tradicional, a de produção e a de consumo. Assim, classifica o caráter social predominante das pessoas nessas sociedades, do ponto de vista histórico em: tradicionais-dirigidos, indotados e



alterdirigidos, os quais exercem papéis que lhes são impostos desde a infância (comportamento, atitudes e ideais).

Na relação trabalho-lazer, o autor discorre sobre a diferença entre cada categoria citada, explicitando que na sociedade “tradicional-diretiva”, a transmissão dos valores realizada pelas instituições sociais (família, trabalho, escola, lazer) se dá por via das tradições orais, mitos e lendas; na sociedade “introduzida”, tal transmissão é feita pela via da educação formal; e na sociedade “alterdirigida”, o que fica centralizado são as relações interpessoais, na propaganda, nos meios de comunicação e no padrão de consumo vigente.

Riesman (1971), mesmo visualizando o lazer numa perspectiva utilitária, considera que com o advento da Revolução Industrial, o modo de vida moderno e as relações trabalho-lazer tomaram novos rumos, estabelecendo ritmos de vida baseados no consumo.

Nesse período, o tempo estava longe de ser “regido” pelas estações do ano, já que o modo de produção, estipulado em horas de trabalho dentro de indústrias, estabelecia-se por meio do tempo mecânico, do relógio de ponto. O tempo, que antes seguia um ritmo baseado nas mudanças ocorridas na natureza (tempo circular e biológico), agora passava a seguir uma lógica padronizada (tempo linear e mecânico).

A partir do século XIX, segundo Rybczynski (2000), a forma de vivenciar o lazer tomava novos contornos e adquiria características bem diferentes das que existiam antes. Agora havia um tempo especial para dedicar-se ao lazer, além de um lugar especial para desfrutá-lo.

Não era o lazer misturado ao trabalho nem vice-versa. O lazer da classe média, que foi surgindo e influenciou toda a sociedade, tinha algo de novo: um limite de hora e lugar bem marcados, separando diversão e trabalho. Mais do que qualquer outra coisa, esse limite – do qual o fim de semana é exemplo – veio caracterizar o lazer moderno (RYBCZYNSKI, 2000, p. 113).

O surgimento desse novo comportamento em relação ao lazer manifestava-se, a partir de então, inclusive como uma maneira de exibir *status*, e algumas atividades começavam a ganhar adeptos, estando muitas delas intimamente relacionadas a uma mudança de comportamento perante o meio ambiente e alguns entretenimentos faziam bastante sucesso, como, por exemplo, a caça às raposas, que por lei e por costume era uma prática inacessível ao povo e o iatismo, que era uma prática muito popular das elites, por ser uma atividade ideal para ser vista.

O autor expressa a questão do *status* buscado, por meio das práticas de atividades vividas no tempo livre do século XIX, e o uso do fim de semana para a ostentação de roupas, acessórios e equipamentos utilizados em suas práticas de atividades e uma nítida transferência de valores vividos em seus dias de semana na cidade para as suas horas de lazer.

Às vezes tenho a impressão que eu teria de acompanhar esses velejadores, alpinistas e amazonas de fim de semana em seus passeios e excursões para conhecê-los direito – vê-los em seu habitat natural, digamos assim. Mas será que eu veria alguém diferente, ou a

mesma pessoa obedecendo a outras convenções de comportamento, roupas e acessórios? [...] Gosto muito de ver fotos antigas de esquiadores, grupos de pessoas que parecem estar com suas roupas normais e simples tábuas de madeira curva amarradas em suas botas firmes. Esses homens e mulheres têm uma aparência agradável e relaxada. Hoje, todo iniciante usa uma parafernália de esqui que o faz parecer um competidor das Olimpíadas e até o esqui da modalidade “cross – country”, um passatempo tão simples, adquiriu a preocupação com a roupa adequada, a terminologia certa e o equipamento mais novo. Isso mostra uma preocupação com o *status* e o consumo, além de uma forma diferente de encarar o lazer que havia no passado (RYBCZYNSKI, 2000, p. 24).

Este fator de busca de *status* remete à análise de Veblen (1965) sobre a tese defendida na sua obra “A Teoria da Classe Ociosa”, (*Theory of the leisure class*, de 1899), na qual expõe a característica consumista e ostentatória do tempo livre, traduzindo-a como “consumo conspícuo”, que era um meio de aquisição, manutenção e/ou exibição de *status* social dentro de uma “classe pecuniária superior” (classe economicamente mais abastada).

Formava-se uma classe, denominada por Veblen (1965), de “classe ociosa” (*leisure class*), a qual não realizava nenhum trabalho produtivo e se caracterizava por ser composta de um seletivo grupo de pessoas que podiam gozar do poder, do prestígio e da riqueza exibidos pelo consumo conspícuo e pela vida de esbanjamento e façanhas levada na sociedade dos Estados Unidos do século XIX, às custas da escravização de outros indivíduos.

O autor em questão, ao caracterizar o “ócio conspícuo” (uso do tempo livre em busca de *status*), como forma de atividade manifestada por tal classe social, consegue “flagrar” o consumismo eminentemente característico de sua época, porém, ainda bastante presente nos tempos modernos. Os hábitos de consumo da *leisure class* não estavam associados ao lazer – no sentido contemporâneo – e sim a rituais de aquisição e de consumo conspícuo para exibição na sociedade, como forma de competição e *status* social.

Adorno (2002), em texto clássico sobre o tempo livre publicado em *Stichworte kritische modele* (volume 2), de 1969, reflete sobre a divisão do tempo em duas partes – o “tempo de trabalho” e o “tempo livre do trabalho”. O autor demonstra traços essenciais sobre a questão do tempo livre, os quais estão diretamente vinculados à lógica capitalista, fazendo com que esse tempo (dito livre), na verdade esteja a serviço da função restauradora da força de trabalho, fato este que faria com que os indivíduos continuassem determinados pela lógica do trabalho, mantendo-se acorrentados a essa lógica, sem liberdade em tempo algum.

O tempo livre é acorrentado ao seu oposto. Esta posição, a relação em que ela se apresenta, imprime-lhe traços essenciais. Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio. Nem em seu trabalho, nem em sua consciência dispõem de si mesmas com real liberdade (ADORNO, 2002, p. 103).

Dessa forma, é possível entender um terceiro movimento na engrenagem do lazer e de seus estudos. Com o ócio desvalorizado, a parte do diabo neutralizada pelo trabalho e pelo lazer, é preciso então organizar melhor o que seriam essas atividades de lazer, o que poderá e o que não poderá ser feito pelas pessoas em suas vidas cotidianas. E assim o lazer não se oporá ao trabalho – abstrato – ele é tão necessário quanto o trabalho, ele é produtivo, quer pela recuperação das forças para o retorno ao labor, quer pelas atividades estimuladoras do consumo que integram sua essência e por conseguinte, é uma extensão do trabalho capitalista.

O francês Joffre Dumazedier, reconhecido intelectual do campo do lazer, que influenciou significativamente a formação do campo teórico do lazer no Brasil, publicou em 1988 o livro “Revolução Cultural do Tempo Livre” (*Révolution culturelle du temps libre, 1968-1988*). Em que pese algumas superações da análise feita naquele momento histórico, principalmente centrada na gratuidade e na autonomia das escolhas das atividades de lazer, tal obra apresenta uma instigante discussão a respeito das transformações que aconteceram na França, a partir do final dos anos 1960 até os anos 1980. Nessa obra, o autor traz reflexões sobre como, entre a tradição e a modernidade, a explosão do lazer na sociedade francesa funda novas práticas culturais, forjando um novo sistema de valores que opera uma revolução silenciosa no seio da antiga sociedade, levando sua população a um novo modo de vida. Logo na primeira referência à situação desse fenômeno, no final dos anos 1980, na França, o autor alerta que, muitas vezes, o lazer tem se reduzido a um novo campo de consumo, impondo-se como um poderoso mercado.

Em outra obra denominada “Valores e Conteúdos Culturais do Lazer” publicada na década de 1980, o autor traz contribuições que são referenciadas até hoje sobre os valores embutidos nas práticas do lazer e estabelece “dimensões de gênero”, as quais se apresentam como perspectiva do tipo de envolvimento das pessoas nas práticas de lazer, que são: o prático, o conhecimento e a fruição ou assistência (propiciada pelo consumo de um espetáculo), estando estes interligados ao “nível de envolvimento na atividade” em questão, podendo estar caracterizados como: nível elementar (conformismo), nível médio (criticidade) e nível superior (criatividade).

Dumazedier (1988) apresenta também as funções do lazer, denominadas como: divertimento, descanso e desenvolvimento pessoal e social. E distingue os conteúdos culturais vivenciados no lazer, como aqueles pautados nos diversos interesses – que significa o conhecimento enraizado na sensibilidade, na cultura vivida –, com a preponderância de um destes. Estes são classificados como: conteúdos físico-esportivos; conteúdos manuais; conteúdos artísticos; conteúdos intelectuais; conteúdos sociais; conteúdos turísticos (este último acrescentado posteriormente em obra de CAMARGO, 1986).

Parker (1978), em seu livro intitulado “A Sociologia do Lazer” (*The sociology of leisure*, de 1976), a partir de estudos realizados na Inglaterra, já descreve os antecedentes de transição para o

capitalismo pós-crise dos anos 1970, quando havia nesses países uma retração do setor industrial em detrimento de uma forte expansão do setor de serviços privados. Especialmente naquela nação era perceptível uma tendência à expansão da mercantilização do lazer, como reflexo às mudanças socioeconômicas.

Parker traz, ainda, em sua obra, algumas indicações sobre a necessidade do campo do lazer ter mais autonomia e passar a fazer parte das reflexões sociológicas da época, haja vista que este era um dos importantes aspectos da vida social e necessitava de aprofundamento em seus estudos.

Preocupado com as mudanças no modo de vida da população dos Estados Unidos, Mills (1969), refere-se a uma classe de trabalhadores como uma categoria definida como “colarinho branco”<sup>4</sup> (*White Collar*, mesmo nome de seu livro), que seria a nova classe média, uma classe situada entre o proletariado e a burguesia.

O aspecto distintivo desta categoria de trabalhadores não estaria em sua função, mas em outros fatores como o prestígio, *status* social, nível de renda e consumo. O empregado passou a ser avaliado mais por sua personalidade do que por sua competência e seu prestígio se fundamenta no consumo em seu tempo livre.

A autoalienação desse trabalhador é referida por Mills (1969) como o fato de o trabalhador vender não apenas a sua força de trabalho, mas também a sua personalidade, pois agora ele precisa lidar não apenas com a venda de objetos, mas também com pessoas e símbolos. Este mercado foi denominado pelo autor como “mercado da personalidade”, no qual “aspectos pessoais ou mesmo íntimos do empregado são trazidos à esfera de negociação” (MILLS, 1969, p. 182).

Baudrillard (1995), em sua obra “A Sociedade de Consumo” (*La société de consommation*, de 1970), analisa e descreve os comportamentos adotados pelas sociedades no período da segunda metade do século XX, as quais buscam desejos inconscientes de significação, transformando os objetos em signos de consumo e de *status*.

Nesse sentido, o lazer também se transforma em objeto de consumo e é refletido numa lógica de “impossibilidade de se perder tempo”, já que nessa sociedade de consumo, o tempo significa valor de troca.

A lei do tempo como valor de troca e como força produtiva não se imobiliza no limiar do lazer, como se este escapasse miraculosamente a todos os constrangimentos que regulam o tempo de trabalho. As leis do sistema (de produção) nunca entram em férias. Reproduzem incessantemente e por toda parte: nas estradas, nas praias, nos clubes, o tempo como força produtiva. O aparente desdobramento do tempo de trabalho e tempo de lazer – inaugurando este a esfera transcendente da liberdade – constitui um mito (BAUDRILLARD, 1995, p. 163).

---

<sup>4</sup> Essas características se refletem tipicamente em seu aspecto exterior, pois o que os distingue e uniformiza é o colarinho branco (MILLS, 1969).

As produções do lazer no campo científico internacional trazem grande influência para os estudos da área no Brasil, portanto, torna-se importante percorrer essa trajetória para se conhecer alguns elementos desse campo em nível nacional.

### 3 TRAJETÓRIA CIENTÍFICA NACIONAL

No Brasil, algumas experiências institucionais vividas em Porto Alegre, no ano de 1926, demonstram que a educação física e o esporte, seguindo a política social e urbana daquele período, influenciaram diretamente a construção dos significados de recreação<sup>5</sup>.

Além disso, a recreação, tendo como matriz de pensamento principalmente a educação física, foi entendida como sinônimo de atividades físicas e culturais diversas. Essas atividades integravam, na visão das lideranças, um “programa completo de educação física”. Neste trajeto, a recreação também foi vista como uma metodologia de trabalho diferenciada para a educação física, fosse ela desenvolvida no âmbito do ensino formal, ou da educação extra-escolar (WERNECK, 2003, p. 290).

Conforme estudos de Melo (1999), já na década de 1930, existiam “Centros de Recreio”, os quais foram criados com o propósito de desenvolvimento de atividades como a música, o teatro, a dança, os jogos etc., e que, ainda que de maneira dispersa, faziam parte do currículo da época, sob a roupagem de fórmulas e modelos aplicados, mas com ideologias submersas no objetivo de estabelecimento de uma nova sociedade, a urbano-industrial, e com uma nova compreensão sobre o tempo<sup>6</sup>.

Neste contexto, o projeto de disciplinarização dos corpos – baseados em princípios higiênicos e eugênicos –, tanto para o estabelecimento de uma nova ordem cívica e moral da sociedade urbano-industrial em desenvolvimento, quanto para a preparação da força de trabalho, que se manifestou inicialmente no modelo ginástico e, posteriormente, na esportivização da educação física, apresenta-se como um importante indicador para a compreensão dos papéis que cumpriram juntos, educação física, esporte e lazer em sua complexa trajetória (MASCARENHAS, 2005, p. 20-21).

A recreação, que teve sua matriz na educação física, era tratada como sinônimo de atividades desenvolvidas nos Jardins de Recreio. De acordo com Werneck (2003, p. 28), “em São Paulo (1935-1947) predominou a idéia de recreação como conjunto de ‘atividades-meio’, cuja matriz fundamentou-se no pensamento escolanovista”.

---

<sup>5</sup> Nesse período, era utilizado no Brasil o termo recreação, por influência do novo movimento desencadeado nos Estados Unidos. “Recreação e lazer tiveram significados distintos no período 1926-1964. Os sentidos de ambos, apesar de preservarem suas distinções em diferentes momentos e circunstâncias, ao longo dos anos foram se entrelaçando, notadamente no âmbito das políticas públicas de intervenção” (WERNECK, 2003, p. 295).

<sup>6</sup> Assim, a sociedade passa a construir uma nova noção de tempo, como explica Werneck (2001, p. 16), “a noção de tempo não é um objeto natural, mas uma construção histórico-social [...] e não existe em si só”. Foi-se instituindo, historicamente, na sociedade e passou a apresentar características resultantes “de um longo processo de aprendizagem, coerção e autodisciplina”.

É a partir da década de 1970<sup>7</sup> que os estudos do lazer se desenvolveram e se consolidaram academicamente, com o aprofundamento em pesquisas, a criação de cursos específicos e universitários, a realização de congressos científicos, entre outros, com o objetivo de descrever e compreender o fenômeno do lazer e a organização dos usos do tempo livre.

A partir de então, o lazer passa a ser visto como fonte de valores e contradições, constituindo-se como agente difusor de conteúdos vivos e indissociáveis da realidade que os produzem.

No Brasil é possível observar, já nas primeiras décadas do século XX, a publicação de algumas obras sobre a recreação. Como exemplo, cito o trabalho elaborado por Campos, Gouvêa e Cunha (1934), que relaciona a recreação com a educação. A discussão das autoras focaliza, sobretudo, o valor pedagógico do jogo e de outras práticas culturais para as crianças [...] a obra *Lazer Operário*, de Acácio Ferreira, foi publicada no ano de 1959 e é considerada, por vários autores, como o primeiro livro brasileiro sobre o lazer. As discussões empreendidas por Acácio Ferreira destacam a necessidade de conhecer as atividades recreativas vivenciadas, pela população operária baiana, nas suas “horas de lazer” (WERNECK, 2003, p. 28-29).

O primeiro Centro de Estudos de Lazer e Recreação surgiu em 1973, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), sendo constituído por membros desta universidade e do poder público municipal. E em 1974, esta mesma Universidade realizou o primeiro Curso de Especialização em Lazer. Neste mesmo ano, aconteceu o primeiro Seminário Nacional do Lazer, em Curitiba, e no ano seguinte, no Rio de Janeiro, foi realizado o primeiro Encontro Nacional de Lazer. Depois disso, foi realizado o primeiro evento internacional, em 1976, organizado pela Fundação *Van Clé*, com o objetivo principal de estimular estudos científicos e humanizar o lazer, com a participação de representantes de quarenta e dois países, inclusive do Brasil, conforme Werneck (2000a) pôde verificar em estudos históricos nas obras de Sant’anna (1994).

A vinda de Dumazedier ao Brasil, na década de 1970, e os diversos cursos ministrados e diversas obras traduzidas e publicadas pelo autor em nosso país (DUMAZEDIER, 1973; 1975; 1979), foram fatores essenciais para o desenvolvimento de estudos do lazer no país. No final de 1970, surgiu um grupo de estudos e de pesquisas empíricas no Centro de Estudos do Lazer (CELAZER), orientado por Dumazedier, com a participação de profissionais do Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> “Por um lado há um consenso entre os estudiosos do lazer, de que foi apenas a partir da década de 1950 que as primeiras obras brasileiras específicas sobre este tema foram publicadas no Brasil, sendo esta produção intensificada após 1970. Por outro lado, há uma polêmica sobre os significados e as relações historicamente constituídas entre a recreação e o lazer em nossa realidade. Neste âmbito, é possível identificar diversas interpretações: recreação e lazer possuem significados distintos; recreação e lazer compartilham o mesmo significado; a recreação é considerada como uma função do lazer” (WERNECK, 2003, p. 28).

<sup>8</sup> “Alguns dos primeiros estudiosos brasileiros que se dedicaram às reflexões sobre o lazer foram o sociólogo REQUIXA (1977; 1980), a psicóloga MEDEIROS (1975) e a professora de educação física GAELZER (1979), entre outros, colaborando com o incremento da nossa produção teórica sobre o tema. Ressalta-se que alguns dos aspectos levantados por esses e outros autores privilegiam a discussão da recreação, contribuindo assim para a

O sociólogo francês Dumazedier (1973; 1975; 1979) representa uma grande contribuição para a constituição do lazer, enquanto um sistematizado campo de estudos no Brasil, uma vez que sua produção (fundamentada na "sociologia do lazer" norte-americana) teve grande aceitação e influência em nosso País ao longo da década de 1970<sup>9</sup> (WERNECK, 2000a, p. 80 - 81).

Na década de 1970, Renato Requixa publicou algumas obras pelo Sesc, como "O Lazer no Brasil" (1977), "Sugestão de Diretrizes para uma Política Nacional de Lazer" (1980), dentre outras, trazendo importantes contribuições para uma sociologia do lazer no Brasil, apontando as influências da industrialização, da urbanização e seus reflexos no lazer. Em suas obras, Requixa deixa apontamentos importantes para se pensar os espaços urbanos e as políticas públicas de lazer na sociedade urbanizada.

A partir da década de 1980, vários autores iniciaram um movimento de aprofundamento nos estudos e publicação de obras sobre o assunto, como por exemplo, o sociólogo Nelson Carvalho Marcellino que, segundo pesquisas de Werneck (2000a, p. 81) acerca do campo científico do lazer, "é considerado, na atualidade, a mais expressiva referência sobre os estudos do lazer, sendo o autor mais citado nas pesquisas sobre o tema" e tendo publicado várias obras significativas, com destaque para "Lazer e Humanização" (1983) e "Lazer e Educação" (1987), além de uma impressionante quantidade de artigos publicados e livros organizados pelo autor.

Vale destacar, também, outros autores de referência e de grande contribuição para a área, como, por exemplo: Luiz Octávio de Lima Camargo (1986, 1998); Antonio Carlos Bramante (1998); Heloísa Turini Bruhns (1997); Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto (1996); Victor Andrade de Melo (1999); Helder Ferreira Isayama e Edmur Stoppa (1999); Christianne Luce Gomes Werneck (2000a, 2000b, 2003); Fernando Mascarenhas (2000, 2005); Ricardo Uvinha (2001), dentre muitos outros autores e obras.

Na Amazônia atualmente os estudos se concentram em algumas Universidades Estaduais e Federais e em grupos de estudos e pesquisas como, por exemplo: na Universidade do Estado do Pará (UEPA), no Curso de Educação Física (capital e interior do estado), no curso de pós-graduação em Lazer (*lato sensu*) e em grupos de pesquisa como o Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer na Amazônia (GEPAM); na Universidade Federal do Pará (UFPA), no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), na Faculdade de Educação Física (FEF) do campus de Castanhal e do campus de Belém e em grupos de pesquisa como o Grupo de Pesquisa em Turismo, Cultura e Meio Ambiente (NAEA) e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura Corporal, Educação, Arte e Lazer – LACOR

---

instalação de uma certa ambivalência, em termos de significados, da recreação com o lazer" (WERNECK, 2000a, p. 80-81).

<sup>9</sup> "Embora Acácio Ferreira tenha, em 1959, publicado um livro dedicado à problemática do lazer no Brasil, foi a produção de Dumazedier, bem como o conceito por ele elaborado, que serviram de base teórica para os primeiros trabalhos de pesquisa e de intervenção relacionados ao lazer a partir de 1970" (WERNECK, 2000a, p. 80-81).

(ICED); na Universidade Federal do Amapá, no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer – NEPEFEL; na Universidade Federal do Amazonas, dentre outros. Esses grupos produziram grande parte das pesquisas sobre lazer na Região: Araújo (2012, 2013); Bahia (2008, 2012); Bahia e Figueiredo (2008); Faro; Santos; Matos; Mota; Bastos e Fonseca (2008); Ferreira (2011); Ferreira e Ewerton (2008); Lima (2011); Matos (2001, 2010); Santos (2010); Soares et al (2011); dentre outros.

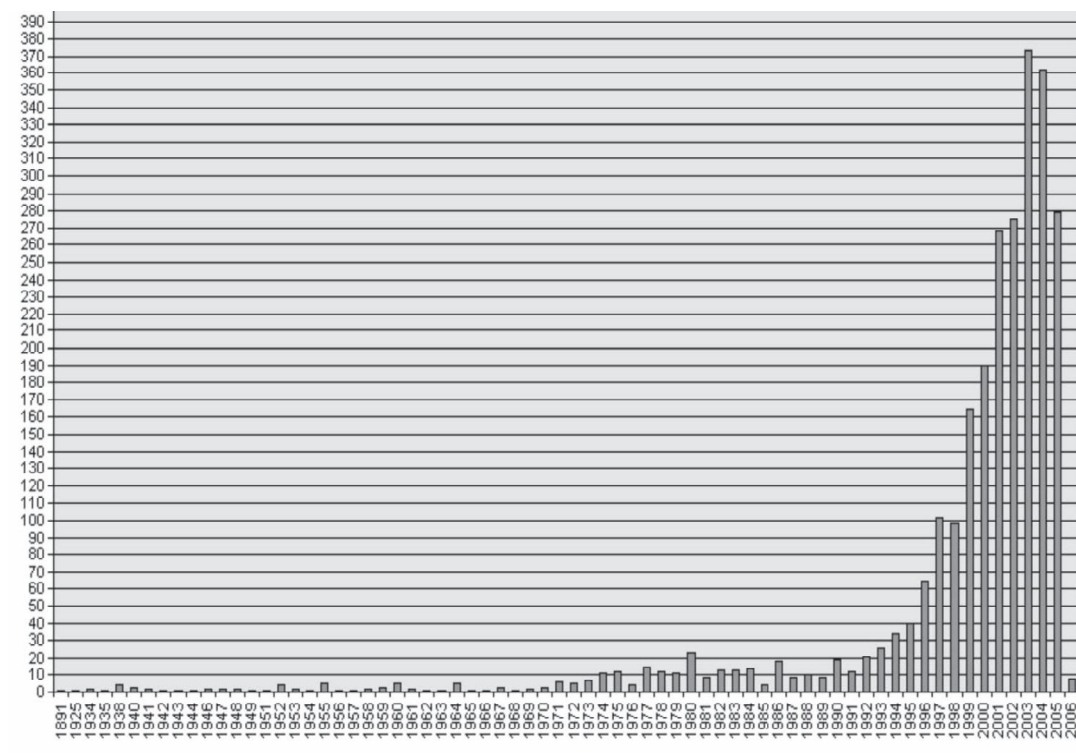
Esses autores vêm contribuindo de forma significativa para a construção de um arcabouço teórico que fundamenta o campo de estudos na área do lazer no Brasil, na medida em que estes vêm desenvolvendo reflexões expressivas sobre a apropriação do tempo disponível; sobre a alienação causada pela influência do capitalismo na sociedade como um todo e nas práticas de lazer; na necessidade de emancipação e de liberdade para viver o lazer. Também trazem perspectivas animadoras sobre as possibilidades de educação “para” e “pelas” vivências de lazer no meio urbano e no meio natural e sobre a necessidade de se pensar as políticas públicas de lazer em direção à sua democratização.

Em estudos recentes, Peixoto (2007) realizou um levantamento do estado da arte nos estudos do lazer do Brasil nos séculos XX e XXI e demonstrou, conforme o Figura 1, o fluxo da produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil. Na mesma pesquisa, a autora catalogou estudos advindos de diversas áreas do conhecimento.

No que toca às áreas do conhecimento, a produção regular catalogada até este instante é oriunda da sociologia (do lazer e do trabalho), do direito do trabalho – referindo-se ao repouso semanal, em feriados e anual –, e também da filosofia, etimologia, história, geografia, administração, economia, arquitetura e urbanismo, matemática, enfermagem, turismo e hotelaria, educação física (recreação e lazer), antropologia cultural, pedagogia (educação lúdica, educação para e pelo lazer) e psicologia (PEIXOTO, 2007, p. 565-566).

Figura 1 - Fluxo da Produção do Conhecimento referente aos Estudos do Lazer no Brasil.





Fonte: Peixoto (2007, p. 575).

No decorrer da trajetória de consolidação do campo de estudos do lazer – entendido como um campo multidisciplinar –, pesquisadores de várias áreas têm se dedicado a essa temática, como das áreas de Sociologia, de Antropologia, de Educação Física, de Turismo, de Economia, de Psicologia, de Geografia, dentre outras. Além disso, muitas ações vêm sendo concretizadas em busca de legitimação científica a esse campo, principalmente em Faculdades de Educação Física do país (WERNECK, 2000a).

Tabela 01 – Ações que colaboraram para a consolidação do campo do lazer no Brasil

INSTITUIÇÕES	AÇÕES	PERÍODO/DATA
Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	Criação de um departamento específico dedicado aos estudos do lazer (DEL/FEF); Formação de diversos agentes atuantes na área; realizou inúmeras pesquisas e publicações sobre o tema	Décadas de 1980/1990
Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	Criação do curso de graduação em Educação Física (1988), com bacharelado em Recreação e Lazer Início da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado em Educação Física) (1988), com área de concentração denominada “Estudos do lazer”, contendo três linhas de pesquisa	1988
Resolução Nacional 03/1987	Garantia de que nos cursos de graduação em Educação Física sejam ofertadas disciplinas de aprofundamento em	1987

	Lazer	
Universidades e Faculdades	Criação de novos cursos de graduação sobre a temática em Universidades e Faculdades do país, como o de “Gestão de Lazer e Eventos”, em 1998, na Universidade de Vale do Itajaí/SC e o de “Lazer e Indústria do Entretenimento”, em 1998, na Faculdade Anhembi-Morumbi, em São Paulo/SP;	A partir de 1998
Universidades Públicas (UFMG, UEL, UEPA)	Criação de Cursos de Especialização em Lazer – Pós-graduação <i>lato sensu</i> .	A partir de 1990
Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL) Seminário Nacional de Políticas Públicas de Esporte e Lazer Congresso Mundial de Lazer – <i>World Leisure</i>	Realização de diversos eventos científicos que objetivam discutir os avanços no campo científico do lazer como, por exemplo, o Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL) (desde 1989); o Seminário Nacional de Políticas Públicas de Esporte e Lazer (desde 2001); o Congresso Mundial de Lazer – <i>World Leisure</i> e o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, o qual possui um Grupo de Trabalhos Temáticos sobre Educação Física/Esporte e Recreação/Lazer, dentre outros.	A partir de 1989
Centro de Estudos do Lazer (CELAZER) Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR) Grupo de Pesquisa em Lazer (GPL) Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Lazer	Constituição de diversos Grupos de Pesquisa, Centros, Núcleos e Grupos de Estudos interdisciplinares sobre o Lazer, em todo o país: Centro de Estudos do Lazer (CELAZER), vinculado ao Serviço Social do Comércio (SESC), de São Paulo (desde a década de 1970); o Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR), vinculado ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (desde 1990); o Grupo de Pesquisa em Lazer (GPL) (desde 2001), inicialmente vinculado à FEF/UNICAMP e atualmente à Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Lazer, vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), dentre muitos outros;	A partir de 1990
CELAR/ UFMG	Criação de periódico específico sobre o lazer, a Revista <i>Licere</i> , vinculado ao CELAR/ UFMG	1998
Associação Mundial e da Associação Latino-Americana de Lazer	Constituição da Associação Mundial e da Associação latino-americana de Lazer.	A partir de 1980

Fonte: Bahia (2012)

Estes dados demonstram a diversidade de estudos e ações na área e a necessidade premente de se observar criticamente os estudos do lazer, como um dos campos do conhecimento capaz de analisar algumas das fronteiras necessárias para a compreensão da sociedade e do avanço do capital sobre as diversas esferas da vida, incluindo-se o lazer.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capital ultrapassa cada vez mais as fronteiras, rompe todos os limites e adentra todos os mercados. Nesta busca por novos mercados, a diversificação é incrementada em todas as esferas da vida, seja diretamente sobre os bens de consumo concretos (materiais) ou sobre os abstratos (simbólicos), como é o caso da cultura e, de forma mais específica, o lazer.

Os avanços tecnológicos são conquistados e o mercado oferece ao indivíduo uma ampla variedade de produtos culturais, que os seduzem e enfeitizam, fetichizando certas práticas e levando-os

ao consumo exagerado que, aliado ao excesso de informações, sem a devida análise crítica, os tornam consumidores passivos de uma chamada “indústria cultural”.

O lazer é produto das lutas proletárias, e surge no seio da sociedade capitalista, a fim de diminuir as mazelas do trabalho e de sua abstração. É impossível falar de lazer em outras sociedades, pois ele surge se sua contraposição ao trabalho na sociedade capitalista, e só existe porque o trabalho tem certas características. Inicialmente o lazer é privilégio das classes burguesas, no entanto com as conquistas dos trabalhadores pelo tempo livre, logo ele representará a disciplina do ócio (CORBIN, 2009).

Mas o percurso não acaba aí, pois disciplinado pelo mercado e pela indústria cultural, o lazer (do trabalhador) começa a se rebelar, e os grupos populares criam táticas para ter suas formas de viver a vida cotidiana, e em espaço público, legitimadas de alguma forma.

No lazer, vivenciado atualmente no tempo disponível das pessoas, esse panorama se revela em quaisquer das possibilidades de vivências dos diversos conteúdos culturais do lazer e suas manifestações (esporte, arte, turismo, literatura, entre outros). As suas formas são diversificadas e se apresentam diferentemente, de acordo com os grupos que militam essas práticas, mais ou menos dependentes de padrões estruturadores.

A trajetória dos estudos do lazer no Brasil e no mundo não só revelam a centralidade que o tema vem ganhando em diversas áreas do conhecimento, mas também a criação de campos específicos interdisciplinares que tentam dar conta da diversidade de formas manifestas dessas práticas, e das políticas públicas atreladas a elas.

## 5 REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Tempo Livre. In: ADORNO, T. W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 103-117.
- ARAÚJO, P. et al (Org.). *Lazer, Formação e Meio Ambiente: subsídios para as Políticas Públicas em Belém do Pará*. 01. ed. Rio de Janeiro: Laboratório de Estudos da Cultura Social e Urbana, 2013. v. 01. 297p
- ARAÚJO, P. Estudos do Lazer na Universidade do Estado do Pará no PARFOR - Marabá/Pa: interfaces entre Ensino, Pesquisa e Extensão e o Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner. In: IV CONGRESSO NORTE BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2012, v. I. Macapá. Anais... Macapá: UNIFAP, 2012.
- BAHIA, M. C. *O lazer e as relações socioambientais em Belém-Pará*. 2012. 300f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- BAHIA, M. C. et al. Os espaços e equipamentos de lazer das cidades: o caso de Belém. In: FIGUEIREDO, S. L. *Turismo, lazer e planejamento urbano e regional*. Belém: NAEA/ANPUR, 2008. p. 59-77.
- BAHIA, M. C.; FIGUEIREDO, S. L. Os espaços verdes e os equipamentos de lazer: um panorama de Belém. *Licere*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, ago. 2008.
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: ELFOS, 1995.
- BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. *Licere*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 9-17, set. 1998.
- BRUHNS, H. T. Relações entre a educação física e o lazer. In: BRUHNS, H. T. (Org.). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 33-59.
- CAMARGO, L. O. de L. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O que é lazer?* São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHAUÍ, M. Introdução. In: LAFARGUE, P. *O Direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1999. p. 9-56.
- CORBIN, A. L'avènement des loisirs. In : CORBIN, A. (org.). *L'avènement des loisirs, 1850-1960*. Paris : Flammarion, 2009.
- CUNHA, N. *A felicidade imaginada: a negação do trabalho e do lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DUMAZEDIER, J. *A revolução cultural do tempo livre*. 6. ed. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Questionamento teórico do lazer*. São Paulo: SESC, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

- \_\_\_\_\_. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1988.
- FARO, C. L. da C.; SANTOS, D. de C. S.; MATOS, L. S.; MOTA, J. F.; BASTOS, R. dos S.; FONSECA, Z. V. D. A Formação dos agentes de esporte e lazer no Norte da Amazônia brasileira: uma estratégia de intervenção pedagógica para e pelo lazer. In: PINTO, L. M. S. de M.; SILVA, D. A.M.; RODRIGUES, R. P.; BONALUME, C. R.; ARAÚJO, L. R. M. (Org.). *Brincar, jogar, viver: lazer e intersectorialidade com o PELC*. 1ª ed. Brasília: Ministério do Esporte - Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte, 2008, v. 1, p. 06-631.
- FERREIRA, M. P. A. Organização do Trabalho Pedagógico na Prática de Ensino Escolar da Faculdade de Educação Física da UFPA/Campus Castanhal. In: XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE / IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2011, Porto Alegre. Anais...Porto Alegre: Sistema Online de Apoio a Congressos do CBCE, 2011.
- FERREIRA, M. P. A. ; EWERTON, A. N. . Formação de Agentes Sociais de Esporte e Lazer: história, limites e desafios. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Políticas Públicas de Lazer*. 1ed. Campinas - SP: Editora Alínea, 2008, v. 1, p. 119-132.
- GAELZER, L. *Lazer: bênção ou maldição?* Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 1979.
- ISAYAMA, H. F., STOPPA, E. A. Lazer e empresa: a questão do lazer dos profissionais do lazer. In: MARCELLINO, N. C. *Lazer & empresa: múltiplos olhares*. Campinas: Papirus, 1999. p. 163-175.
- LAFARGUE, P. *O Direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.
- LIMA, P. C. de et al. Diagnóstico do acesso ao esporte e lazer da população do Estado do Pará por meio das políticas públicas. In: SOARES, Á. et al. (Org.). *Diagnóstico do esporte e lazer na região norte brasileira: o existente e o necessário*. Manaus: EDUA, 2011. p. 130-165. 210p.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e humanização*. Campinas: Papirus, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.
- MARCUSE, H. Para a crítica do hedonismo. In: MARCUSE, H. *Cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v. 1. p. 161-199.
- MARX, K;. *O Capital: crítica da economia política*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Livro 1. v. 1.
- \_\_\_\_\_. O Trabalho alienado. In: OLIVEIRA, P.S. (Org.). *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1998.
- MASCARENHAS, F. *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do Lazer*. 2005. 308 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

- \_\_\_\_\_. *Lazer e grupos sociais: concepções e método*. 2000. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- MATOS, L. S. A Festividade do Círio de Nazaré e as transformações do Arraial: novas práticas de lazer na afirmação do turismo religioso. *Licere*, v. 13, p. 1-30, 2010.
- MATOS, L. S.; MARCELLINO, N. C.; LINHALES, M. A.; CRISTAN, M.; CRUZ, M. L. M.; BONALUME, C. R.; RODRIGUES, R. P.; TERRA, R.. Belém: do Direito ao Lazer ao Direito à Cidade. In: MARCELLINO, N. C (Org.). *Lazer e Esporte*. Campinas - SP: Autores Associados, 2001, v.1, p. 1-183.
- MEDEIROS, E. B. *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- MELO, V. A. de. *Lazer: intervenção e conhecimento*. In: Congresso Regional Sudeste do CBCE, 1, 1999, Campinas, SP. *Anais...* Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, 1999, p. 17-21.
- MILLS, W. *A Nova classe média (white collar)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- PARKER, S. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PEIXOTO, E. Levantamento do estado da arte nos estudos do lazer: (Brasil) séculos XX e XXI : alguns apontamentos. *Educ. Soc.*, Campinas, SP v. 28, n. 99, p. 561-586, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 28 ago. 2011.
- PINTO, L. M. S. de M. A construção da interdisciplinaridade no lazer: experiência política da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte-MG. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras*. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 61-70.
- REQUIXA, R. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980.
- RIESMAN, D. *A multidão solitária: um estudo da mudança do caráter americano*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- RUSSELL, B. *Elogio do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- RYBCZYNSKI, W. *Esperando o fim de semana*. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANT'ANNA, D. B. *O prazer justificado: história e lazer – (São Paulo, 1969/1979)*. São Paulo: Marco Zero; MCT - CNPq, 1994.
- SANTOS, D. de C. S. *O lazer no plano diretor das metrópoles amazônicas: um estudo comparativo entre Belém e Manaus*. 2010. 198 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano) - Universidade da Amazônia, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Qualidade de Vida e Meio Ambiente, Belém, 2010.
- SOARES, Á. (Org.). *Diagnóstico do esporte e lazer na região norte brasileira: o existente e o necessário*. Manaus: EDUA, 2011. 210 p.

UVINHA, R. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.

VEBLEN, T. B. *A teoria da classe ociosa*. São Paulo: Pioneira, 1965.

WERNECK, C. L. G. A Constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 12, 2000, Balneário Camboriú, SC. *Coletânea...* Balneário Camboriú, SC: Roca; UVA, 2000a. p. 77 - 88.

\_\_\_\_\_. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG; CELAR, 2000b.

\_\_\_\_\_. Lazer e Mercado: panorama atual e implicações na sociedade brasileira. In: WERNECK, C. L. G.; STOPPA, E.; ISAYAMA, H. F. *Lazer e mercado*. Campinas: Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_. *Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. 2003. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.